



ENTREVISTA

OUTUBRO- 2021 - Nº 3 - ANO 51

O JORNAL QUE A CIDADE GOSTA DE LER

agencia.jor@unisantos.br

AUTOMAÇÃO AINDA SEM DESEMPREGO

Pág. 6

PARTICIPAÇÃO CIVIL NA CONDESB

Pág. 2

SEM COMIDA NA MESA

Famílias em situação de vulnerabilidade social dependem de doações para conseguirem se alimentar. Em meio à fome, os projetos sociais realizam arrecadação e distribuição de comida para essas pessoas. Porém, o número de pessoas necessitadas na Baixada Santista cresce, não sendo possível atender a todos. Pág. 3

Sem ferrão: é legal criar

Atividade também serve para a preservação de espécies de abelhas ameaçadas por agrotóxicos. Págs. 4 e 5



Natureza ainda respira aqui

Baixada Santista vai no sentido contrário do registrado no País e chega ao desmatamento quase zero, e as áreas de preservação têm um ótimo papel para manter a floresta de pé. A especulação imobiliária aparece como a maior preocupação ambiental. Pág. 6



ARQUIVO PESSOAL

LUCIANO Augusto Alexandre Soares hoje vive só da meliponicultura, atividade pela qual se apaixonou enquanto trabalhava como segurança

◆ TENDÊNCIAS

AUDIOBOOKS em ascensão
Pág. 9

Minimalismo **É TOP**
Pág. 10

CULTURA coreana atrai
Pág. 11

Educação Física virtual. Sem usar quadra e bola
Pág. 8

Vôlei marca história em Guarujá. Pág. 12



ÁGINAS



Abertas

◆ Esportes

◆ Meio Ambiente

◆ Investimento

◆ Tecnologia

EDITORIAL

Futura nostalgia

Se o Brasil de 2021 tivesse um gosto, com certeza não seria doce. O negacionismo e o descaso político deixam um gosto amargo na boca daqueles que vêem um futuro melhor já longe demais. O que sobra é a nostalgia. Do grego, *nóstos* (reencontro) e *algos* (dor, sofrimento): uma saudade agridoce por coisas, pessoas ou situações do passado.

Nostalgia de quando não tínhamos pedaços de tecido cobrindo metade de nossos rostos, de quando o país não estava no Mapa da Fome da ONU, de quando queimadas na Amazônia não eram manchetes de jornais com tanta frequência, o esporte era mais incentivado e mais de meio milhão de mães, pais, filhos, tios e avós ainda estavam aqui.

Neste ano, o Brasil saiu da lista das dez maiores economias do mundo, virou piada em talk shows internacionais e personagem de charges ácidas de jornais renomados. O Brasil, antes tido como promessa do futuro, virou gancho de piada, mas o brasileiro não está rindo.

Em quase dois anos de pandemia, a máscara e o álcool em gel se juntaram à caneta e ao bloquinho dos jornalistas. A imprensa, na linha de frente invisível desde março de 2020, muitas vezes desacreditada e insultada, entregou aos brasileiros informações essenciais que o governo negou e falhou em entregar. Média móvel, mortes, vacinados, casos confirmados.

Todos os dias, em horário nobre, um jornalista lê alguns números em um quadro digital e dita qual será o sentimento da próxima semana. Medo ou luz no fim do túnel? Às vezes, arautos do caos, outras, arautos da esperança. Aconteça o que acontecer, a imprensa vai estar ali enquanto nos for reservado o direito.

Parafrazeando Belchior(*), "Na parede da memória", a promessa de um Brasil próspero "é o quadro que dói mais". Mas, a juventude persiste. No ENTREVISTA, seus jovens repórteres reforçam o compromisso com um jornalismo íntegro: cobram, esclarecem, escutam. Nesta edição, em meio a abelhas, línguas orientais em ascensão no ocidente, estilo de vida minimalista e quadras esportivas, a equipe do jornal mostra que o novo sempre vem. ◆

(*) Como nossos pais, música de Belchior lançada em 1976

Investimento na qualidade: parceria Unisantos e A Tribuna

ASSESSORIA/UNISANTOS



A partir deste mês, os estudantes de Jornalismo da Unisantos e os profissionais do grupo A Tribuna passam a produzir juntos conteúdo jornalístico, com foco na região. A atividade é diária.

As reportagens serão publicadas nos veículos do Grupo A Tribuna: Jornal A Tribuna, TV Tribuna, G1 Santos e Região, Tribuna Digital, Rádio Tri FM, e GE Baixada e Região. Também haverá exclusividade para estágios e a retomada das atividades conjuntas por meio da Cátedra Giusfredo Santini.

O reitor da UNISANTOS, o professor mestre Marcos Medina Leite, destacou a importância do trabalho entre as instituições. Em sua fala, afirmou que "é com muita alegria que iniciamos mais uma trajetória juntos, em que temos perspectivas diferentes, mas um propósito em comum que é de sempre buscar a verdade que é a grande motivação do profissional de comunicação." ◆

CIDADANIA

VOTO POPULAR
pelo Meio Ambiente

PROFISSIONAIS da área explicam a importância dessa união com a CONDESB

Victória Fernandes Brugger

Em agosto de 2021, foi publicado que o Tribunal de Justiça de São Paulo (TJ-SP) decidiu pela participação popular nas decisões do Conselho de Desenvolvimento da Região Metropolitana da Baixada Santista (CONDESB). A comunidade terá voz, desse modo, para atuar na elaboração e aprovação do Plano Regional de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos, incluindo a tomada de decisões e a fiscalização. A novidade agradou os ambientalistas.

O Plano Regional de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos da Baixada Santista (PRGIRS/BS) visa auxiliar no planejamento e direcionamento de ações em um esforço intermunicipal na busca de soluções para os resíduos sólidos, que sejam viáveis sob o ponto de vista econômico, social e ambiental, considerando as particularidades e os desafios locais que se impõem.

A decisão judicial garante que a metade dos assentos da Condesb seja ocupada pelos representantes da sociedade civil, a serem escolhidos por universidades, e por entidades, cooperativas ou associativas da região.

O diretor executivo da Agência Metropolitana da Baixada Santista (AGEM), Milton Gonçalves da Luz, concorda com a decisão da Justiça. "A participação popular sempre foi muito bem-vinda e só vai enriquecer ainda mais o processo democrático de elaboração dos planos e projetos desenvolvidos pela Agem, por meio das Câmaras Temáticas", ele explica; Além de planejamento, a Agem também a execução dos projetos de interesse comum à Região.

Em 2018, a AGEM entregou o projeto de Resíduos Sólidos e em 2020, junto com Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT) iniciou a segunda etapa. Nessa fase são contemplados "os trabalhos para dar continuidade ao plano regional, visando o diagnóstico das ações implementadas e a elaboração de instrumentos para implantar as estratégias e ações propostas referentes a resíduos sólidos urbanos, com destaque para resíduos domiciliares, de grandes geradores, pequeno comércio, poda e aqueles ligados à logística reversa (embalagens em geral e eletroeletrônicos).", finaliza LUZ.

RESÍDUOS

O ambientalista Nelson Rodrigues, recriador do Conselho Municipal da Defesa do Meio Ambiente (CONDEMA) e fundador do Partido Verde, gostou da

decisão e considera importante a participação civil nos processos ambientais. Conforme explica, "as questões ambientais estão diretamente ligadas a qualidade de vida da população, principalmente na saúde pessoal quando sabemos que a poluição do ar, da água, do solo, as contaminações, em especial por agentes químicos, vazamento nuclear e gases tóxicos podem afetar todo um ecossistema e gerar inúmeras doenças".

A Lei nº 12.305 de 2 de agosto de 2010, instituiu a Política Nacional de Resíduos Sólidos para organizar e regular a forma como o país lida com os resíduos sólidos. Ela exige transparência de setores públicos e privados no que diz respeito ao gerenciamento desse lixo.

Esta política estimula a prática de hábitos sustentáveis de consumo, além de incentivar a reciclagem e o reaproveitamento dos resíduos sólidos, como por exemplo, a destinação ambientalmente adequada dos dejetos.

A geração total de resíduos sólidos no Brasil é da ordem de 79 milhões de toneladas por ano. Esse foi o resultado obtido pela pesquisa da Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais (Abrelpe), em 2019.

O professor e biólogo Fábio Nunes, mais conhecido como Fabião, acredita que a participação da população nas questões de resíduos sólidos é necessária. "A sociedade tem poder para propor iniciativas populares, exigir dos governantes a transformação e a mudança pelo que elas querem e pelo que elas acreditam", comenta.

Ele enfatiza a importância da separação do lixo e menciona o trabalho desempenhado pelas pessoas que sobrevivem da coleta de lixo reciclável nas ruas. Santos é a segunda cidade do Brasil a ter coleta seletiva, iniciada em 1989.

"Isso é um hábito que a gente desenvolve, e as pessoas têm que perceber a importância desse pequeno ato, parece algo muito simples, mas é muito significativo. Quanto mais a gente potencializa e faz o reaproveitamento, que é a reciclagem, a redução de consumo de embalagens, usando o mínimo possível sacolas plásticas, usando as sacolas retornáveis, uma política de uso racional de energia e usos racionais de recursos hídricos, melhor para o local onde vivemos e para o meio ambiente", explica Fabião, que finaliza dizendo que essas atitudes "são atos de cidadania", os quais acredita ser o diferencial das pessoas. ◆



ENTREVISTA Jornal Laboratorial do Curso de Jornalismo do Centro de Ciências da Educação e Comunicação da Universidade Católica de Santos - UniSantos

As opiniões aqui emitidas são de responsabilidade de seus autores

Diretor do Centro de Ciências da Educação e Comunicação/ Coordenador do Curso de Jornalismo:
Prof. Me. Paulo Roberto Bornsen (Mtb. 22.201)

Professores orientadores:

Textos: Marcelo Di Renzo (Mtb. 11.008) e Tereza Cristina Tesser (Mtb. 15.379)

Diagramação: José Reis Filho (Mtb. 12.357)

Editorial:

Marcela A. Morone

Redação: Avenida Conselheiro Nébias, 300 - Vila Mathias, Santos - SP - CEP: 11015-002. - E-mail: agencia.jor@unisantos.br

Edição online por causa da pandemia

■ **Arte da Capa:** Piet Mondrian - Freepik

Daniel Gois

“Imagine um filho pedir comida e você não tem como dar?” Esse drama está presente na vida da cabeleireira Graciele Santos, de 32 anos, desempregada e mãe solteira de cinco filhos, com idades entre 4 e 15 anos. A alimentação regular da família depende de doações da Associação Beneficente Nossa Senhora de Fátima de Bertioga, que arrecada alimentos para pessoas em vulnerabilidade social. Antes da pandemia de Covid-19, eram 107 famílias cadastradas na entidade. Agora, são 149, e nem sempre é possível suprir toda a demanda.

Graciele procura complementar os R\$ 530,02 do Bolsa Família com ‘bicos’, em especial realizando faxinas, mas a demanda também diminuiu durante a pandemia. A cabeleireira mora há 13 anos em um barraco próximo a um condomínio em Bertioga, no bairro Vista Linda, região composta por cortiços e barracos construídos de forma irregular e ocupados por famílias em vulnerabilidade econômica e social.

“Ninguém tem como lidar com a fome. É triste. Moro em uma comunidade carente. É difícil ver alguém pedir, você ter um litro de leite, e não poder dar um copo, sendo que estou passando pela mesma situação. Sempre que posso, estou ajudando”, afirma Graciele.

Por mês, a associação atende cerca de 750 pessoas em Bertioga. Além da doação de alimentos, como verduras, legumes, bolachas e leite, há uma conversa presencial com as famílias, para entender quais as necessidades que estão enfrentando. A distribuição de alimentos costuma ocorrer quinzenalmente, conforme a quantidade de arrecadações.

Apesar do esforço, o trabalho, que é executado por 12 voluntários, não consegue suprir toda a demanda de alimentos das famílias. É o que afirma a coordenadora de projetos da associação, Marli de Oliveira Santos. “Ainda vejo muita gente pedindo alimentos, e a gente não podendo atender. Essa ajuda que damos é voluntária, quando podemos. Tem mês que recebemos muitas doações, e em outros meses, quase nada”, explica.

Segundo a coordenadora, em grande parte, as famílias assistidas ganham menos que um salário-mínimo e chegam a ser compostas por mais de cinco filhos. “Tem muitas mães desempregadas. É muita mãe que é chefe de família, mãe e pai ao mesmo tempo. São aquelas que mais necessitam, que não tem emprego, vivem de bico. As vezes tem uma faxina, e as vezes não tem”, relata Marli. Ela afirma que, nos atendimentos presenciais, o preço dos alimentos nos supermercados é uma reclamação constante. “O que

FOME em alta

PROJETOS sociais se empenham para ajudar pessoas em vulnerabilidade social durante a pandemia, mas número de famílias necessitadas aumenta sem parar

ARQUIVO PESSOAL/MARLI OLIVEIRA

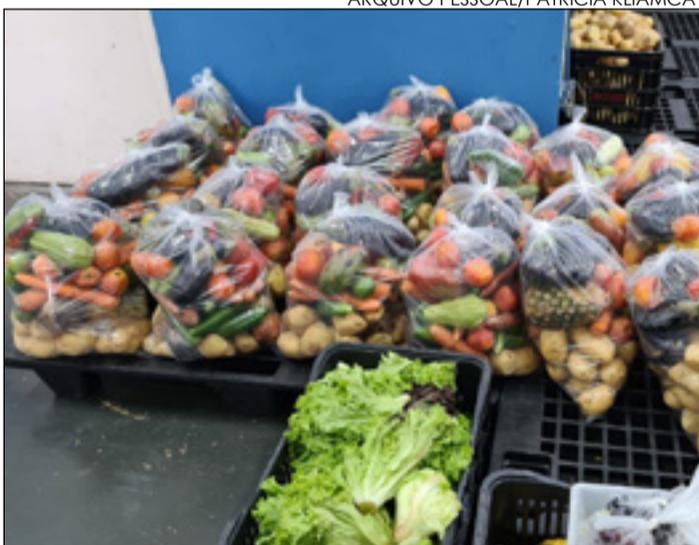


Ninguém tem como lidar com a fome. É triste. Moro em uma comunidade carente. É difícil ver alguém pedir, você ter um litro de leite, e não poder dar um copo, sendo que estou passando pela mesma situação. Sempre que posso, estou ajudando”.

Graciele Santos
Moradora do bairro
Vista Linda, em
Bertioga

ASSOCIAÇÃO
atende cerca de 750
pessoas vulneráveis
por mês em Bertioga

ARQUIVO PESSOAL/PATRICIA KLIAMCA



ALIMENTOS são arrecadados para famílias de Guarujá

falam mais é sobre a fome, que mesmo se pudessem comprar alimentos, estão cada vez mais caros. O dinheiro que ganham não dá para comprar, porque os preços aumentaram muito.

TEM GENTE COM FOME

Iniciada em março deste ano, a campanha nacional Tem Gente Com Fome, da Coalização Negra por Direitos, conseguiu assistir 108 famílias das cidades de Santos, São Vicente, Guarujá, Cubatão, Bertioga e Praia Grande. A iniciativa já atendeu cerca de 325 pessoas da Baixada Santista com a distribuição de cestas de ali-

mentos e cartões-alimentação, com valores entre R\$ 150 e R\$ 200, para serem gastos em supermercados. Parte dos valores são arrecadados com rifas e doações de outras pessoas.

Uma das coordenadoras da campanha na Baixada Santista, a professora Aldenir Dida Dias, de 64 anos, do Coletivo Feminista Classista Maria vai com as Outras, relata as condições de vida das famílias assistidas. “A maioria vive no subemprego e em moradias precárias. Elas têm contado com estas cestas para comer”, afirma Dida.

Também responsável pela iniciativa e integrante do co-

letivo, a jornalista Cidinha Santos, de 65 anos, destaca o interesse das famílias assistidas em ajudar outras que estão na mesma situação. “Muitas delas, com esse recurso, ainda ajudam outras famílias, como os pais ou vizinhos que também passam necessidades. Às vezes, os cartões atrasam e as mulheres ficam muito ansiosas, pois já não tem o que oferecer aos filhos. A situação é bastante grave”, aponta Cidinha.

DEMANDA É GRANDE

“A fome está aumentando. A gente sabe que muita gente parou de trabalhar. Fizemos campanhas de cesta, de outros alimentos, para tentar suprir a fome das pessoas”. A afirmação é da coordenadora da Diretoria de Segurança Alimentar e Nutricional (Segan) de Guarujá, Patrícia Kliamca. “Durante a pandemia, nós trabalhamos 24 horas, tentando sempre oferecer alimentação para as pessoas”, afirma Patrícia.

Através do projeto Feira de Cidadania, são coletados alimentos em supermercados, feiras e hortifrúteis parceiros da Segan, com intuito de distribuí-los para moradores de Guarujá em vulnerabilidade social. Segundo Patrícia, a quantidade de alimentos arrecadados varia entre 100 kg e 400 kg por dia, chegando até duas toneladas por semana, conforme o estoque dos parceiros. Entre os alimentos distribuídos estão frutas, verduras e legumes.

Atualmente, a Feira de Ci-

150
FAMÍLIAS
NA FILA DE
ESPERA EM
GUARUJÁ

dadania conta com 150 famílias cadastradas, e outras 150 na lista de espera. Patrícia conta que, antes da pandemia, a quantidade de cadastros girava em torno de 60 famílias. Com o aumento da demanda, a secretaria também aumentou o número de coletas de alimentos na semana, de duas para cinco vezes.

“Cada vez que a gente aumenta o número de cestas doadas e dias, aumenta também o número de pessoas”, relata Patrícia. A coordenadora da Segan diz que grande parte das pessoas assistidas enfrentam desemprego e insegurança alimentar. “Sempre tem gente na lista de espera. Isso não acaba nunca, é um fluxo enorme. A demanda sempre é grande”. ◆

Anote

Endereço: Rua Luiz Otávio,
205 - Jardim Vista Linda,
Bertioga

Telefone Fixo: (13) 3311-7312
Telefone Celular (13)
99786-4600

Entre ABELHAS

A MELIPONICULTURA,
regularizada em Santos,
se expande na região

Matheus Degásperi Ojea

Pode servir de hobby, mas a criação de abelhas pode também ser fonte de renda e auxiliar na preservação do meio ambiente. Além das espécies mais comuns encontradas na Cidade, os criadores da Baixada Santista e Vale do Ribeira também se dedicam às abelhas conhecidas como “sem ferrão”, menos agressivas. A meliponicultura, como é denominada a atividade, está prestes a ser regularizada em Santos, com a aprovação do Projeto de Lei Complementar pela Câmara Municipal (PLC) nº 38/2020, em 4 de julho deste ano.

Cerca de 90% das plantas com flores do mundo dependem da polinização das diversas espécies de abelhas, segundo estimativa da Organização das Nações Unidas (ONU). No entanto, os insetos sofrem com a utilização de agrotóxicos, que podem levar enxames inteiros à morte. Na Baixada Santista e no Vale do Ribeira, regiões de Mata Atlântica, espécies de abelhas sem ferrão como a jataí, por exemplo, são encontradas no ecossistema.

Na verdade, estas abelhas possuem ferrões, que por serem atrofiados, não são utilizados para a defesa. Existem cerca de 300 espécies delas no mundo, cada uma tem um papel no ecossistema e especificações diferentes na hora do resgate e da criação, que é feita em caixas verticais onde o mel é produzido. Além disso, este mel não é o mesmo mel produzido pelas abelhas comuns. Com sabor e propriedades diferentes, o mel costuma ser mais aguado e azedo, além de ser mais raro pela produção mais escassa.

O PLC nº 38/2020 regulamenta a prática no município, permitindo que a criação de abelhas sem ferrão possa acontecer não só em áreas verdes, mas também nas de maior concentração urbana. O projeto, apresentado pelo vereador Fabricio Cardoso (Podemos), foi sancionado pelo prefeito Rogério Santos.

Criador de abelhas sem ferrão, o santista Luciano Augusto Alexandre Soares é dono do meliponário Guaicarae. Ele é uma das referências do setor na região por sua atuação em ações de cons-

cientização ligadas às abelhas. E revela seu otimismo com os caminhos que o projeto pode abrir para o município. “A gente tem muita coisa pra fazer em Santos, mas vai muito devagar. A lei pode viabilizar projetos de conscientização nas escolas sobre as abelhas, praças com abelhas sem ferrão e a substituição do fumacê da dengue por algo que não prejudique as abelhas, por exemplo”, afirma. Soares estima que, em Santos, cerca de 150 pessoas criam abelhas de maneira profissional ou por hobby.

ORGANIZAÇÃO

Antes da meliponicultura, que hoje em dia é sua atividade de sustento, Luciano Soares era técnico de Raio-X e segurança. Ele se encantou com o mundo das abelhas enquanto trabalhava como segurança de um “porto” para extração de areia, testemunhando enxames de abelhas que se alojavam nas árvores que eram derrubadas no local. Após tentar realizar resgates sem o devido conhecimento, se especializou, fazendo cursos e participando de eventos.

A REGIÃO da Baixada Santista e do Vale do Ribeira conta com grande porções de Mata Atlântica, o que

Hoje, ele é membro fundador e vice-presidente da Associação de Criadores de Abelhas Nativas da Baixada Santista e Vale do Ribeira (ACAN), criada este ano e com cerca de 30 associados.

O presidente da entidade, Jorge de Oliveira Diogo, também foi se entusiasmando com as abelhas vindo de outra área, segundo-tenente aposentado da polícia militar, Diogo já foi instrutor do curso do resgate do corpo de bombeiros de São Paulo e policial ambiental, apesar de não atribuir o

interesse às ocupações. “Nos bombeiros, eu matava abelhas e na polícia ambiental eu não conheci as abelhas,” explica. Foi um resgate de abelhas do tipo jataí que realizou perto da sua casa, na região do Vale do Ribeira, que despertou a paixão, após o socorro, que foi



ARQUIVO PESSOAL ANTÔNIO: EDUARDO SODRZEISKI



ARQUIVO PESSOAL: RITA DE

improvisado, foi estudando e se aprimorando.

Diogo é dono do meliponário Jacupiranga na cidade de mesmo nome, na região do Vale do Ribeira. Explica que a entidade nasceu para ajudar os meliponicultores, tanto os já inseridos na área quanto os iniciantes, e evitar que eles sejam enganados, além de unir a classe para que ela possa se fazer ouvir em discussões e debates de legislações.

A atividade não deve ser realizada sem que se pense também nas abelhas e não apenas no lucro obtido. Por isso, além da comercialização dos insetos e seus produtos, a Associação busca que todos os cuidados sejam tomados nos resgates e na preservação das delas, além da participação em eventos e ações sociais e ambientais.

Isso, no entanto não é a regra para todos os criadores de abelhas sem ferrão, as informações e instruções falsas sobre a atividade disponíveis na internet, principalmente as que misturam a meliponicultura com o esoterismo, são alvos de sua crítica. “É curso interplanetário de abelha, curso intergaláctico, curso do curso do curso, né? Que a força esteja com vocês. A coisa é feia,” protesta.

Apesar de a ACAN ser uma associação de produtores, casos como o de Soares, que se sustenta apenas com o meliponário, são raros. “Há meses de fatura e meses de conta certinha, tem que correr atrás, é sofrido,” conta. Para ele, é importante que o produtor saiba investir no tipo certo de abelha na época correta, para não ficar com a produção comprometida, isso inclui comprar abelhas de outras regiões do país para produzir.

Já a professora aposentada e meliponária, Rita de Cassia Arrabal, começou o apiário e meliponário Mel e Cacau - Vale das Águas, com criação em Praia Grande e Mongaguá, junto com o marido, o metalúrgico aposentado Paulo Arrabal, que desenvolveu alergia às abelhas com ferrão. A empresa começou a se especializar na criação de abelhas sem ferrão a partir de então. A paixão vem da infância, quando costumava ver as caixas de abelhas no laranjal perto da casa que sua família tinha na região noroeste do estado de São Paulo, próxima das cidades de Ariranha e Catanduva.

Rita conta, no entanto, que devido aos agrotóxicos, as abelhas não estão mais lá. “Hoje não tem mais. Aquela região já não tem mais mel, os meus primos às vezes compram mel comigo e vão daqui pra lá, lá não tem mais”.





Agrotóxico provoca efeito dominó

DIVULGAÇÃO: JORGE DE OLIVEIRA DIOGO

ARQUIVO PESSOAL

Os agrotóxicos são os principais causadores da morte de abelhas em massa. Diversos estudos realizados em várias regiões do mundo e também no Brasil, revelam a relação entre os produtos químicos e colônias e enxames destruídos.

O Brasil tem quebrado os recordes de liberação destes químicos consecutivamente desde 2015, utilizando inclusive produtos que são proibidos por agências reguladoras da Europa. De acordo com dados de pesquisa realizada pela organização suíça Public Eye em parceria com o Greenpeace, o país comprou 10 mil toneladas de agrotóxicos proibidos na Europa em 2018 e mais 12 mil toneladas em 2019.

O impacto no meio-ambiente é um efeito dominó. O lobo-guará, por exemplo, animal que está em extinção, se alimenta da fruta do lobo, polinizada por uma espécie de abelha. O desaparecimento das abelhas poderia causar também o da fruta, dificultan-



A MELIPONICULTURA, prestes a ser regularizada em Santos, utiliza de caixas para a criação das abelhas

RITA DE Cassia Arrabal passou a criar abelhas sem ferrão após alergia do marido



ARQUIVO PESSOAL

do a alimentação do animal.

Segundo o engenheiro agrônomo e inspetor rural, Antônio Eduardo Sodrzeiski, isso é apenas um exemplo. "Por conta do agro-

negócio, o governo flexibiliza a entrada de produtos químicos dos mais diversos tipos, vislumbrando apenas lucro, sem um estudo apurado do impacto que isso possa causar. E ele também não está preocupado, porque só tá preocupado com a soja, só tá preocupado com a produção de cana de açúcar. O impacto disso é uma perda de biodiversidade absurda."

Sodrzeiski também é dono do meliponário Mamute, no município de Iporanga, atividade que julga importante para a preservação, segundo ele, a perda de uma espécie



O ENGENHEIRO agrônomo Antônio Eduardo Sodrzeiski critica a liberação indiscriminada de agrotóxicos

de abelhas já representaria grande dano ambiental. "São várias espécies de árvores que florescem e dão pólen em diversas épocas do ano, e nem sempre a abelha com ferrão, a apis, dá conta dessas plantas. Se você eliminar todas as espécies nativas nossas e deixar só a apis, você vai ter uma perda enorme." ♦

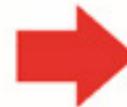
BAIXE e-BOOKS GRÁTIS



- Mais de 40 títulos com conteúdo completo;
- Logística, Educação, Filosofia, Saúde, Direito, Psicologia e Arquitetura;
- Prontos para download;
- Não precisa preencher fichas ou cadastro;

www.unisantos.br/editora/e-books/

ou pelo QR-code



Fabrizio Neitzke

Ainda sem emplacar na Baixada Santista, os caixas de autoatendimento em lojas e mercados podem trazer comodidade para os clientes, mas também preocupação para funcionários. Isto porque a automação, uma prática cada vez mais presente no mercado de trabalho, ameaça cada vez mais empregos.

De acordo com um levantamento divulgado pelo Laboratório de Aprendizado de Máquina em Finanças e Organizações da Universidade Nacional de Brasília (LAMFO – UnB), a probabilidade de robôs substituírem a força humana no atendimento em lojas e mercados nos próximos anos é de 79%.

O número é acima da média apresentada pelo próprio laboratório, que, em 2019, afirmou que 54% dos empregos formais no país seriam fechados até 2026 para dar lugar a robôs ou programas de computador. Em números absolutos, a taxa representava, à época, 30 milhões de vagas com carteira assinada.

Para o secretário-geral do Sindicato dos Comerciantes de Santos e Região (Sincomerciantes), Washington Fonseca, a automação é vista negativamente. “Não temos bons olhos para esse tipo de serviço. A cada caixa de autoatendimento instalado, é menos um emprego”, explica. De mãos atadas, o dirigente diz que o sindicato não pode fazer nada. “A decisão é da gestão da empresa. Não temos poder de alterar isso”, lamenta.

Apesar da expectativa da redução de postos por conta da automação, os efeitos ainda não estão sendo sentidos na região. O próprio Sincomerciantes admite que, até agora, não houve uma demissão na Baixada por este tipo de situação. O fator, segundo Fonseca, está na baixa oferta do serviço pelos supermercados.

Já o representante do Sindicato do Comércio Varejista da Baixada Santista (Sincomércio),

AUTOMAÇÃO

DIVULGAÇÃO:



CONSUMIDORES estão aprendendo a conviver com a modalidade self-checkout

ainda não afeta
emprego na

REGIÃO

OFERTA DE caixas de autoatendimento
é insuficiente para gerar demissões

Omar Abdul Assaf, que também é dono de um supermercado em São Vicente, defende a importância de preservar os trabalhadores. “É melhor deixar o funcionário para gerar emprego. As empresas deveriam pensar muito antes de adotar essa ideia. O custo da implanta-

ção ainda é muito caro”, alerta. Em média, cada máquina custa entre R\$ 25 mil a R\$ 30 mil.

Por outro lado, um levantamento apresentado pela Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo (FecomercioSP), divulgado no começo do mês,

apontou o mês de julho como o sexto seguido em evolução na geração de empregos. Em todo o estado, 20.934 vagas foram geradas no comércio paulista.

BAIXA ADESÃO

Tendência na capital paulista e no exterior há pelo me-

nos três anos, a modalidade do self-checkout ainda não teve grande adesão na Baixada. Para os supermercadistas, a falta de hábito dos clientes é um dos principais motivos.

“As pessoas ainda têm muita dúvida e acabam precisando de um auxílio”, revela o subgerente do Empório Villa Borghese, Marcelo Leite. O estabelecimento, localizado no bairro do Boqueirão, foi um dos primeiros na cidade a adotar o serviço, que deve ser ampliado futuramente.

O funcionamento das máquinas no local é relativamente limitado. Adaptado para compras menores, geralmente até dez itens, requer certa atenção dos clientes que, acidentalmente, podem acabar cadastrando o mesmo produto duas vezes ou não conseguir escanear o código de barras.

Para o gerente da unidade, Adriano Santos, a solução foi deixar um funcionário a disposição dos consumidores para esclarecer dúvidas e auxiliar na utilização do equipamento, que gera, em média, dez cancelamentos de mercadoria por dia. Já a possibilidade de “perder dinheiro” com possíveis erros humanos não preocupa. “É claro que um item ou outro pode acabar passando, mas precisamos confiar no cliente”, disse.

A chegada da pandemia também é considerada como um fator de destaque e pode ter “adiado” a popularização do serviço. Segundo Omar Abdul Assaf, as mudanças no setor tiveram o calendário modificado. “A pandemia atrasou um pouco o self-checkout, mas adiantou o delivery e o comércio eletrônico”. O empresário considera que até o final da década a ideia será bem aceita entre o público.

Uma pesquisa realizada em 2019 pelo IBOPE Inteligência e encomendada pela Associação Paulista de Supermercados (APAS), revelou que apenas 39% dos consumidores consideram a modalidade como “muito importante” em um comércio. A função, porém, é a mais aguardada pelos clientes no futuro, na avaliação de 86% dos entrevistados. ◆

free download

LEIA O LITERATIVA

QUADRINHOS MÚSICA LIVROS ESPORTE LANÇAMENTOS CINEMA ARTIGOS DICAS TV GAMES VARIEDADES

unisantos.br/editora/literativa/ ou pelo QR-code

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS

Editora Universitária Leopoldiana

Laila Aguiar

A Baixada Santista tem registrado índices positivos com relação a preservação da Mata Atlântica. Guarujá, por exemplo, não tem registro de desmatamento desde 2008. Cubatão está desde 2010 sem apresentar queda na área de vegetação do bioma e Mongaguá, desde 2011. Ao contrário do cenário da região, o Estado de São Paulo registrou 218 hectares de Mata Atlântica desmatada em 2019 e 2020, um aumento de 406% superior ao registrado entre 2018 e 2019. Os dados são do estudo realizado pela Fundação S.O.S. Mata Atlântica em parceria com o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe).

Em São Paulo, a cidade que registrou o maior índice de desmatamento em 2020 foi Iporanga, litoral do Vale do Ribeira, com 45 hectares, o equivalente a 50 campos de futebol. A situação é parecida em outras cidades do Estado, mas na Baixada Santista os números são menores que a média estadual. Praia Grande, informou ter 25 hectares desmatados, sendo a cidade que mais desmatou na região, após ficar no zero entre 2005 e 2019. Em seguida, vem Bertioga com 11 hectares e São Vicente com 8. Todas as outras cidades da Baixada não registraram desmatamento no ano passado.

Os dados foram coletados pelo "Aqui tem Mata" que é uma ferramenta disponível no site da Fundação que mostra os resultados dos remanescentes florestais de Mata Atlântica de cada cidade. Essa ferramenta funciona em parceria com o Inpe e a plataforma é uma sistematização dos dados coletados pelas entidades.

Em 1985, foi feito o primeiro mapa-base com os remanescentes de Mata Atlântica. Atualizado anualmente, permite a comparação entre áreas desmatadas e os remanescentes

Desmatamento é quase zero na Baixada Santista

PARA ambientalistas, a principal preocupação é a especulação imobiliária



tes originais são feitos. A coleta desses dados conta com a ajuda do satélite Landsat que utiliza lentes com resolução de 30 por 30 metros. Com as imagens de satélite e o mapa-base em mãos é feita a comparação visual.

O diretor de conhecimento do S.O.S Mata Atlântica, Luis-Fernando Guedes Pinto, explica como é feito o processo. "As imagens de satélite são inter-

pretadas visualmente em telas de computador, com o trabalho de dois analistas. O primeiro que faz a detecção do desmatamento e o segundo que audita o trabalho do outro analista para que a gente diminua ao máximo a possibilidade de erro na interpretação das imagens". No estudo, são consideradas áreas de mata que tenham mais de três hectares de território

contínuo e bem preservado.

A ferramenta é uma importante forma de conhecimento para a população, mas é interessante saber a metodologia, já que cada estudo observa a área de floresta de uma forma. Engenheira agrônoma da Prefeitura de Santos, Greicilene Regina Pedro, fala sobre a observação da população em relação ao mapa. "Se

você olhar o mapa de Santos dentro do "Aqui tem mata", você vai ver que nos morros da cidade, tem três grandes áreas de matas. Uma no Monte Serrat, uma maior pegando o José Menino indo para o Nova Cintra e uma onde fica o Engenho dos Erasmos. Para a gente que conhece, pensa, 'tem mais mata', mas é justamente por conta dessa metodologia".

Expansão imobiliária e a Mata Atlântica

Mesmo com a tecnologia e o trabalho de fiscalização e monitoramento alguns fatores ainda prejudicam a vida da floresta. Um deles é a expansão imobiliária que se tornou um risco para o bioma, que em São Paulo, fica ao redor de metrópoles e cidades litorâneas. "A expansão urbana e a especulação imobiliária, que é o que se aplica para as cidades da Baixada Santista, é a onde a gente perde diversas pequenas áreas de Mata Atlântica para loteamentos, construção

de infraestrutura e obras nas cidades" conta Luis Fernando. Além disso, as cidades da região contam com um déficit de políticas públicas habitacionais que geram ocupações em áreas de preservação. Segundo a assessoria de imprensa da Secretaria de Infraestrutura e Meio Ambiente do Estado "grande parte dos remanescentes de Mata Atlântica da Baixada Santista está protegida por alguma Unidade de Conservação, garantido maior preservação. Contudo, as áreas localizadas

fora das Unidades sofrem especialmente com a pressão da expansão imobiliária irregular, que vem sendo objeto de intensa fiscalização pelo estado e pelos municípios".

O bioma é protegidos pela Lei Federal nº 11.428/2006, as áreas de preservação são outra forma de manter a conservação do bioma "sem dúvidas a existência de áreas protegidas e áreas de conservação tem um papel fundamental para manter as matas e a vegetação nativa dos mangues, restingas", afirma Guedes Pinto.

Pensando na preservação da mata local, a cidade de Santos aprovou, em agosto desse ano, o Plano Municipal de Conservação e Recuperação da

Mata Atlântica, com a intenção de mapear as áreas do bioma e ajudar na conservação da floresta e do eco sistema que vive e depende da mata local. O plano começou a ser realizado em 2013, mas foi interrompido e retomou em 2019. "É superimportante você fazer um diagnóstico do que você tem hoje, para a partir daí pensar em estratégias para conservar e também para recuperar o que já foi perdido", afirma Greicilene.

O desmatamento causa danos na biodiversidade, danos esses que já estamos começando a sentir. A falta d'água, o desequilíbrio na temperatura, a extinção de animais, a erosão do solo e tudo isso devido a ação humana. O pesquisador

Oliver Wilson realizou um estudo onde apontou que até 2050 a Mata Atlântica vai mudar mais do que nos últimos 21 mil anos, ou seja, as mudanças que a ação humana está provocando vem sendo maior que qualquer mudança natural do bioma. O estudo reconstruiu projeções climáticas do passado e das que podem acontecer no futuro e observou que a expansão do clima quente pode fazer com que surjam áreas que não existiam desde a última Era do gelo.

Até o fechamento da edição Polícia Militar Ambiental não respondeu as nossas solicitações sobre as ocorrências de prisões por conta do desmatamento na região.

Desafios da EDUCAÇÃO FÍSICA na pandemia

Gabriel Bruno

Por conta da pandemia de Covid-19, a educação teve que migrar totalmente para o ensino à distância. Sem contar com a prática de esportes, as aulas de educação física tiveram que ser completamente alteradas, precisando se transformar em uma aula teórica. Fazendo com que os professores iniciassem o desafio de como manter as aulas viáveis e de qualidade ao mesmo tempo.

Segundo a assessoria de imprensa da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (SEDUC-SP), na cidade de Santos, durante a pandemia os alunos continuaram com as aulas de Educação Física, tanto pelo Centro de Mídias (CMSP) quanto por outras plataformas de vídeo conferência e também agora no formato híbrido.

As aulas para os alunos que estão com aulas presenciais ocorrem através de aulas teóricas em sala, respeitando todos os protocolos de segurança.

Com aulas teóricas, pequenos exercícios, temas relacionados a saúde e agora com a volta das aulas presenciais, aulas na sala e sempre com distanciamento social. A professora de educação física formada há 33 anos, Rose Augusto, conta que jamais imaginou passar por algo assim, “foi uma adaptação muito difícil, com alongamentos, jogos e brincadeiras online, consegui cativar os alunos a participarem, o maior desafio foi que os mais velhos do ensino médio”.

Sem a ajuda das bolas e das quadras para dar as aulas, Rose conta que a única orientação que receberam sobre como deveriam ser as aulas foram da própria diretoria escola. “Fomos orientados sobre como as aulas deveriam ser, fizemos um plano de trabalho que foi aprovado pela coordenação. Além disso, a escola comprou uma plataforma, para deixarem aulas gravadas e os demais conteúdos para o aluno acessar a qualquer momento.”

O professor de Educação Física na escola Liceu São Paulo, Daniel Leque, conta que cada sala possuía um conteúdo diferente, selecionados pela faixa etária dos alunos. “Por exemplo handebol, sexto ano a história, sétimo as regras, oitavo os fundamentos, e assim por diante. Ensino Fundamental 1 é diferente do Fundamental 2, falamos sobre todos os esportes, falamos sobre

PROFESSORES contam as dificuldades para manter a atenção e a interação dos alunos durante as novas aulas da matéria

foram realizadas conversas sobre como está sendo esse momento para cada um. “Foi a maneira que encontramos para segurar a turma do Ensino Médio, normalmente com câmeras fechadas e todos deitados na cama, no máximo 30% de adesão e interação nas aulas”, finaliza Rose.

Em reação a mudança na avaliação dos alunos, Daniel Leque conta que as provas tomaram o mesmo molde as outras matérias, todas as classes recebem materiais sobre o conteúdo durante as aulas para que eles possam estudar. “Fundamental 1 vão falar sobre esportes coletivos e individuais, Fundamental 2 esse trimestre seria handebol na quadra, então a história, regras, fundamentos e o Médio sobre as olimpíadas”.

FACULDADE

As faculdades de Educação Física, também passaram por desafios por conta da pandemia de Covid-19, o coordenador do curso de educação física da Unifesp,

Ronaldo Vagner Thomatieli dos Santos, conta que houve uma ampla discussão que perdurou por algumas semanas sobre como deveriam ser as aulas, quais estratégias poderiam ser usadas, quais as melhores opções de plataforma para as aulas.

Thomatieli, diz que essas discussões contaram com a participação de estudantes, técnicos em assuntos educacionais, professores e pedagogos de outras Instituições de Ensino Superior, inclusive instituições do exterior. Após a definição das estratégias, foram feitos treinamentos para que pudessem colocar em prática o que foi decidido da melhor forma possível.

Em relação as suas aulas, o coordenador do curso conta que o impacto não foi tão grande, os conteúdos lecionados por Thomatieli na Universidade são teóricos e os conteúdos práticos podem ser simulados por software. Sobre as outras aulas conta que o desafio foi grande “para as pessoas que dão aulas práticas o desafio foi muito maior e houve a necessidade de adequações” conta Ronaldo.

As aulas práticas exigiam mais esforço porque é mais fácil demonstrar algo dentro da quadra ou da piscina do que por uma aula remota. Então professores e alunos tiveram que fazer um esforço para transmitir as informações e para elas serem captadas. Não era esforço físico, e sim pedagógico e intelectual, explica Thomatieli

Sobre estudos da faculdade, Ronaldo Vagner Thomatieli cita que alguns estudos sendo feitos para avaliar as aulas remotas, do ponto de vista dos estudantes e do ponto de vista dos docentes. Temos também, alguns estudos avaliando a saúde mental dos estudantes. Mas ainda nada focado na área de educação física.

VISÃO DOS ALUNOS

Assim como os professores, os alunos também precisaram se adaptar a essa nova versão das aulas de educação física. Como já foi citado pelos professores, os alunos mais difíceis de ganhar a atenção foram os do ensino médio.

O estudante que realizou o Ensino Médio durante a pandemia, Gabriel Garrido, conta que as aulas eram bem ruins, “as aulas de educação física começaram depois das outras, quando começou eram aulas explicando regra de futsal, basquete e alongamentos. Como não era obrigatório ligar a câmera, então só alguns ligavam”.

Em relação a opinião sobre as aulas, Gabriel conta que comparado as aulas normais, a opinião mudou muito, “não chegaram a odiar, mas não gostavam tanto de igual antes, quem tinha interesse na aula, já sabia de quase tudo que estava sendo falado e quem não gostava continuou sem interesse” finaliza.

No segundo ano da faculdade de Educação Física na Unimes, Kemelin Duarte, conta que os alunos desanimaram no começo, bastante gente saiu por conta da pandemia.

Sobre as aulas, Kemelin Duarte diz que somente no primeiro semestre de 2020 que ficaram só com aulas à distância: “as práticas voltaram no ano passado, depois de agosto, umas 2 ou 3 vezes na semana e as teóricas, sempre de máscaras porém algumas aulas com 1 hora de duração, um dia à distância e outro na faculdade”.

Em relação as aulas práticas, Kemelin Duarte cita que durante o primeiro semestre que foi totalmente à distância, os professores só explicaram como elas seria na prática e no segundo semestre de 2020 quando voltaram, não tinha aula com contato nem nada, as que precisaram de bola era só bola no pé.

Quando questionada sobre a pandemia estar prejudicando sua formação, Kemelin Duarte fala que prejudicar não seria a palavra certa. “Todos desanimaram no começo, ano passado os professores deram aulas extras para as práticas mais importantes, como natação e anatomia, não me vejo prejudicada, mas sim é um novo jeito de aprender”, finaliza. 

Lilian Rabelo

As consequências da pandemia aliadas à tecnologia mudaram alguns hábitos dos brasileiros. A geração conectada transformou a maneira que lê, e os audiobooks – audiolivros no português – viraram a sensação do momento. O segmento literário vendeu quase 32 milhões de exemplares entre janeiro e agosto deste ano e registrou crescimento de 40%. O Pannel do Varejo de Livros no Brasil, elaborada pela Nielsen em parceria com o Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL).

Os audiobooks são a versão em áudio de obras e livros impressos. No atual panorama de enfrentamento à pandemia, o recurso tornou-se companhia e uma maneira de entretenimento em casa. A TocaLivros, uma das maiores plataformas em termos de produção e propagação de audiolivros no país, possui no seu acervo mais de 2,5 mil audiolivros e 20 mil e-books, entre eles um punhado de obras disponíveis para serem escutadas de forma gratuita. A analista de Marketing Ariany Cannone comenta a importância de democratizar o acesso à leitura.

“O audiolivro se instalou de maneira assertiva no dia a dia dessas pessoas, que por muito tempo não conseguiam conciliar as atividades do dia a dia com a leitura, deixando-a assim, de lado. Tanto para os amantes da literatura, quanto para pessoas que querem construir esse hábito.”, explica.

Ariany acredita que, com o avanço da tecnologia, a comodidade em acessar facilmente o acesso potencializou o mercado. “O avanço desse mercado vem aumentando cada vez mais durante todos esses anos, mas teve um aumento considerável após a pandemia, sim. Onde as pessoas começaram a buscar novas distrações e novos hábitos mais saudáveis para implementar em suas rotinas.”

LIVROS FÍSICOS X E-BOOK

Ainda de acordo com dados do Pannel do Varejo de Livros no Brasil, em comparação ao ano anterior, de forma geral, o mercado livreiro teve um crescimen-



DURANTE a pandemia, o setor do mercado livreiro obteve números expressivos que demonstram novas formas de apreciar uma história

ILUSTRAÇÃO: JOICE RABELO

Indústria de **AUDIOBOOK** está em ascensão

FOTOS: DIVULGAÇÃO



O LIVREIRO José Luiz Tahan garante que experiência literária é mais importante do que a concorrência entre os segmentos



CRISTIANE OLIVEIRA é dona do perfil @li_numlivro e compartilha com seus seguidores dicas de obras, inclusive audiobooks

“É importante que se leia e que se ouça livros, e que a literatura seja divulgada. Quanto mais consumo de conhecimento menos radicalismo”

José Luiz Tahan

to de 38,38% no volume de livros comercializados, com aumento de 28,46% no faturamento.

Segundo as crenças do livreiro José Luiz Tahan fundador da tradicional Livraria e Editora Realejo o audiolivro não veio para usurpar o lugar do livro físico. Ele descreve ambos formatos como completos um do outro, e garante que o clássico livro de papel é inabalável. “O mercado não entende como uma concorrência. É importante que se leia e que se ouça livros, e que a literatura seja divulgada. Quanto mais consumo de conhecimento menos radicalismo”, destaca.

Acompanhado o mesmo pensamento, a secretária apaixonada por livros Cristiane Oliveira, de 38 anos, possui um perfil nas redes sociais onde compartilha com os seguidores suas indicações de livros audíveis e versões físicas. Ela possui uma parceria com a Editora Vestígio, responsável por todos os meses encaminhar opções de livros que Cristiane escolha, leia e divida sua opinião sobre o conteúdo.

Desde 2015 a leitora ácida registra suas leituras na página, e foi neste período que ela passou a ouvir as variantes digitais dos seus livros preferidos. “As pessoas costumam gostar de ter o livro físico, têm muito apego. Não existe uma competição, a tendência é adicionar o audiolivro e o livro na rotina. É um crescimento paralelo”, expõe sua visão.

A analista da TocaLivros, explica que “a ideia é levar acesso a literatura para a rotina dos brasileiros que querem ter um contato maior com o mundo literário. O audiolivro de forma alguma veio para substituir o livro físico, mas sim, uma forma complementar”, finaliza. ♦

MENOS É MAIS

MINIMALISMO renova a liberdade e traz praticidade para o dia a dia

Beatriz Ornelas

DIVULGAÇÃO: CRISTIANE MARQUES

O minimalismo é uma tendência oposta ao consumo desenfreado. A onda está em constante crescente nos últimos anos pelas mais variadas razões, como estilo de vida ou viver em residências compactas. Viver em equilíbrio e com mais praticidade traz uma nova reflexão sobre o que é realmente necessário possuir em casa.

O termo surgiu nos Estados Unidos em meados do século XX e foi atrelado a movimentos artísticos que utilizam poucas cores e traços. Aos poucos foi se expandindo para diferentes áreas, como para o design e arte. Residências minimalistas costumam ter poucos móveis e bastante espaço livre. Além disso, a tendência não possui regra e a pessoa decide o que é importante ou não, contribuindo para sua individualidade.

A designer de interiores Mônica Amado, que trabalha na área há 16 anos, explica que 90% dos seus projetos são minimalistas e que nos últimos dez anos a demanda do estilo vem aumentando cada vez mais. "As pessoas costumam alegar a preferência por ter mais praticidade e facilidade na limpeza, principalmente em apartamentos pequenos", diz.

Ainda, ressalta a importância da simplicidade nos projetos para os clientes que optam pelo estilo, pois a maioria quer transmitir uma sensação de tranquilidade dentro de casa. "As decorações são mais básicas e passam uma leveza para as pessoas que estão no local".

Cristiane Marques, que trabalha com finanças, é uma dessas pessoas que aderiu ao minimalismo em casa. "Eu já conhecia o movimento, então foi uma junção de desejo com necessidade, pois o meu apartamento não é grande. Eu queria um ambiente clean, leve e calmo, sem muita informação para todos os lados", conta.

Os escritores Joshua Fields Millburn e Ryan Nicodemus definem o minimalismo com a ideia de tornar o "ser" mais importante do que o "ter". Em outras palavras, apresentam a relação entre consumo exagerado e a falsa sensação de satisfação.

A estilista Mariane Costa explica a conexão entre o minimalismo e a consciência sustentável. "Grande parte das pessoas que eu vejo engajadas no minimalismo, também estão interessadas também na questão ecológica, buscando impactar menos o meio ambiente", frisa.

Ela comenta ainda que sempre sentiu um incômodo em relação ao sistema econômico linear que extrai, produz, vende e descarta em grande escala. Por isso, prefere trabalhar diretamente com produtos sustentáveis. "A moda é uma das indústrias mais intensas nesse sentido de consumo desenfreado. Vejo muitas pessoas aderindo ao armário cápsula, por exemplo, que é uma alternativa ecológica e minimalista".



MUITAS pessoas optam pelo estilo em busca de ambientes mais leves

DIVULGAÇÃO: MÔNICA AMADO



ARMÁRIO CÁPSULA

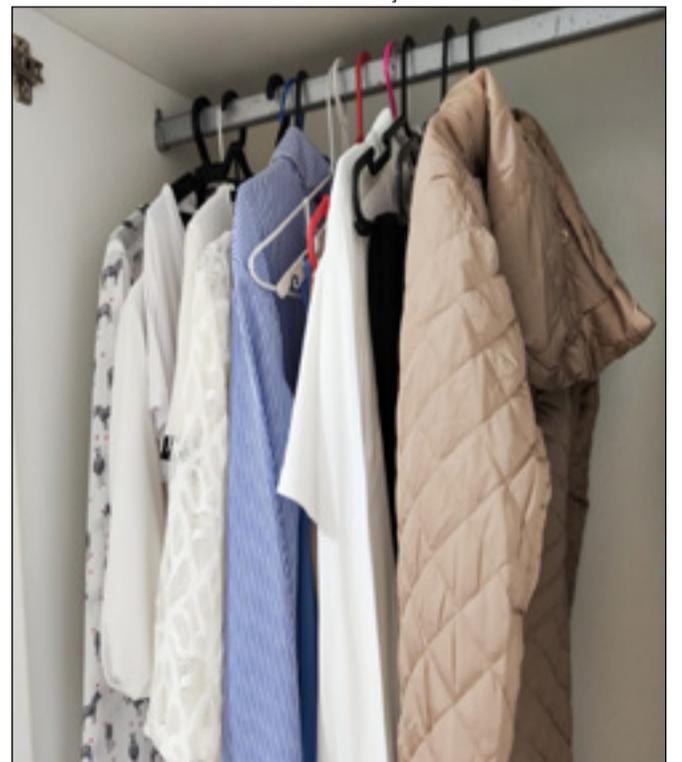
O armário cápsula é um movimento que faz parte do minimalismo, um conceito da moda, que consiste em ter um armário com poucas peças, versátil e compacto. De acordo com a escritora Karine Padilha, o método estimula o consumo consciente, pois a pessoa investe em peças que atendam as necessidades de forma assertiva e sem exageros.

O artigo "O que é armário cápsula e por que apostar nesse conceito?",

ARMÁRIO
cápsula une
sustentabilidade e estilo

CÔMODOS
funcionais e
espaçosos são
cada vez mais
vistos

DIVULGAÇÃO: GIOVANA DE OLIVEIRA



publicado por Listenx LX, descreve que o termo foi criado na década de 1970 pela estilista Susie Faux, porém passou a ganhar mais visibilidade alguns anos depois. Já em 1985, a estilista Donna Karan elaborou uma coleção de roupas com apenas sete peças, passando a mensagem de que não é necessário comprar muito para possuir estilo.

A estudante de Relações Internacionais Giovana de Oliveira aderiu ao estilo em 2018, quando mudou de cidade. "Sou nascida e criada no Gua-

rujá, mas fui para o sul do país para fazer faculdade. Lá me apresentaram esse conceito e eu não me vejo mais de outra forma".

Ela destaca que a sua consciência ambiental se fortaleceu ainda mais após estudar sobre o tema. "Eu aprendi que não preciso de muito para ter tudo. Gosto de roupas que combinam entre si, além de contribuir com o consumo consciente. O meio ambiente é precioso e eu percebi que o excesso me dava uma falsa sensação de prazer", finaliza. ♦

Quarentena faz novos admiradores da língua coreana

MAIOR quantidade de filmes legendados ou dublados incentiva o aprendizado da língua oriental

Isabela Weis

A conexão com a Hallyu, como é chamada a onda coreana (referente a popularização da cultura sul-coreana) se tornou cada vez mais frequente graças aos serviços de streaming na pandemia. A maior quantidade de filmes e séries profissionalmente legendados ou dublados em português por essas empresas, por exemplo, também incentiva o consumo dessas produções e a procura por aprender a língua original desses conteúdos.

O audiovisual coreano é um universo grandioso, onde é possível encontrar diferentes tipos de músicas, filmes, séries e clipes para todos os gostos. Ter contato com uma dessas produções pode ser uma porta de entrada para outras características dessa cultura que, apesar de ter começado a viralizar no Brasil em 2010, se intensificou em 2020 com o isolamento social.

Uma pesquisa realizada pelo Ministério da Cultura, Esportes e Turismo da Coreia do Sul e pela Fundação Coreana para Intercâmbio Cultural e Internacional, entre setembro e novembro de 2020, mostrou o Brasil como o primeiro país das Américas e o terceiro no mundo onde mais cresceu a audiência pelas séries e filmes coreanos durante a pandemia.

O Coreano Online é a maior plataforma de ensino da língua coreana para brasileiros, e o sócio proprietário, Henrique Teixeira, afirma que a procura pelo curso na plataforma durante a pandemia aumentou, além de também relatar que os alunos que já estavam matriculados passaram a se engajar nos estudos do idioma três vezes mais, por terem mais tempo disponível durante o isolamento.

Segundo a pesquisadora vinculada ao Mídia e Cultura Asiática Contemporânea, Daniela Mazur, o consumo de cultura pop coreana é o principal fator que impulsionou essa eclosão de interesse pela língua no Brasil.

De acordo com a pesquisadora, essa popularização no País e no mundo possui várias raízes, tanto governamentais, através de incentivos diretos, quanto privados, além da construção da indústria nacional, tendo como objetivo principal exportar essa cultura pop para o resto do mundo. Os fatores que levam a isso podem ser explicados pela massificação da cultura coreana nos últimos anos. A indicação recebida pelo grupo musical sul-coreano BTS ao Grammy 2021, e o filme sul-coreano Parasita, vencedor do Oscar de Melhor Filme em 2020, são alguns exemplos de como essa cultura ocupa um espaço cada vez maior no mundo.

Além disso, a quarentena fez com que a população no geral começasse a consumir mais os serviços de streaming. Segundo uma pesquisa realizada pela Kantar IBOPE Media, 58% dos usuários de internet afirmam terem visto mais vídeo e TV online em streaming pago durante o isolamento. O tempo em frente à televisão cresceu 37 minutos diários e cada pessoa passou em torno de 1h49 por dia consumindo os serviços de plataformas de streaming.

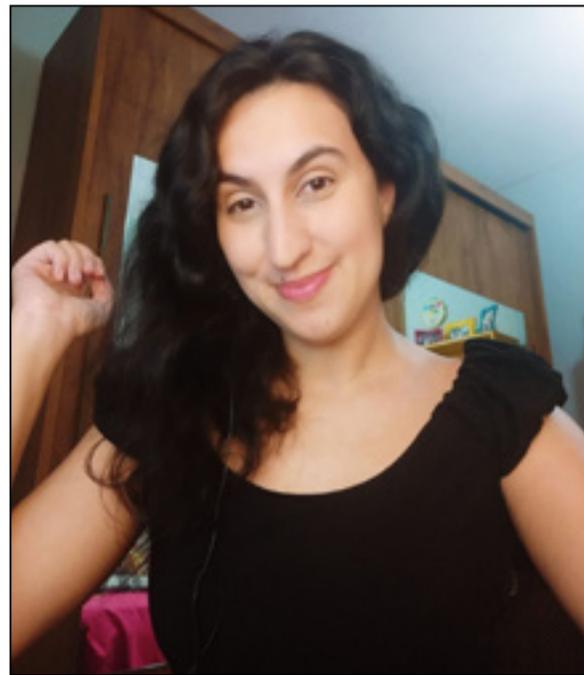
Esses streamings, nos últimos anos, aumentaram consideravelmente a quantidade de títulos e séries sul-coreanas em seus catálogos. De acordo com Daniela, títulos como os K-Dramas (como são chamados os dramas televisivos produzidos pela Coreia do Sul) já ultrapassaram uma centena de opções na Netflix, por exemplo. Segundo a revista estadunidense Variety, a Netflix pretendia investir 500 milhões de dólares em produções coreanas no ano de 2021.

A pesquisadora explica também que, além dos serviços de streaming aproximarem um novo público dessa cultura ao introduzir mais desses conteúdos em seus catálogos, o fato de proporcionar legendas e dublagem em português é outro fator que facilita a aproximação com essas produções e com a língua coreana no Brasil. Afinal, leva as pessoas a se interessarem por esse onda cultural com mais facilidade e, posteriormente, criando a curiosidade por aprender o idioma original, para se sentirem mais próximas desse universo.



MELISSA Alfinito Feio estudante

Isso acontece porque,



DANIELA Mazur, pesquisadora

de acordo com a pesquisadora, esse idioma ainda não é uma língua franca, ou seja, não é uma língua comum em grupos sociais que falam, cada um, uma língua diferente dos outros, como é o caso do inglês, por exemplo. Por este motivo, as pessoas que ainda não possuem contato com esse universo podem ter um certo receio de não compreender o conteúdo. Mas, com a dublagem e as legendas, esse distanciamento desaparece, e traz a oportunidade para que o espectador se envolva com o que vê e se permita continuar adentrando nesse universo.

“Uma vez que a dublagem chega e se estabelece, ela da abertura de não só facilitar o entendimento dos textos apresentados, mas também de facilitar os contextos culturais”. Por este motivo ela é um facilitador para que pessoas entrem em contato com a cultura pela primeira vez, se sentindo mais à vontade para começar a se conectar de maneira mais intensa, posteriormente suscitando o interesse por aprender a língua para entender o que seus ídolos estão dizendo, compreender as letras das músicas e assistir aos filmes no idioma original.

Além disso, Daniela também cita que plataformas de streaming específicas para dramas coreanos, como Rakuten Viki e Kocowa, estão apresentando seus conteúdos com legendagem de alta qualidade em português, além de possuírem pacotes de assinatura que são abertos aos consumidores brasileiros.

Em Santos, a estudante do 4º semestre de Relações Internacionais pela UniSantos, Melissa Alfinito Feio dos Santos, de 19 anos, entrou em contato com o K-pop (música pop coreana) pela primeira vez em 2018, começando a se aprofundar nesse universo e, no começo de 2019, fez sua matrícula no Coreano Online. “Pensei comigo mesma, porque não fazer parte desse universo compreendendo o que eles dizem e podendo estar mais próxima disso tudo?”, conta ela.

Após demonstrar seu interesse com a comunicação e escrita coreana, Melissa hoje faz parte da equipe de mídias sociais do Koreapost, site dedicado a difundir e promover a cultura coreana para brasileiros. Ela afirma ter notado um maior engajamento nas redes sociais do Koreapost, explicando também

que, no site, são realizadas postagens mensais sobre os dramas coreanos que vão ser lançados, tipo de publicação que mais gera engajamento no Instagram, “A interação das pessoas hoje, com a pandemia, é notável”, diz.

FOTOS: DIVULGAÇÃO

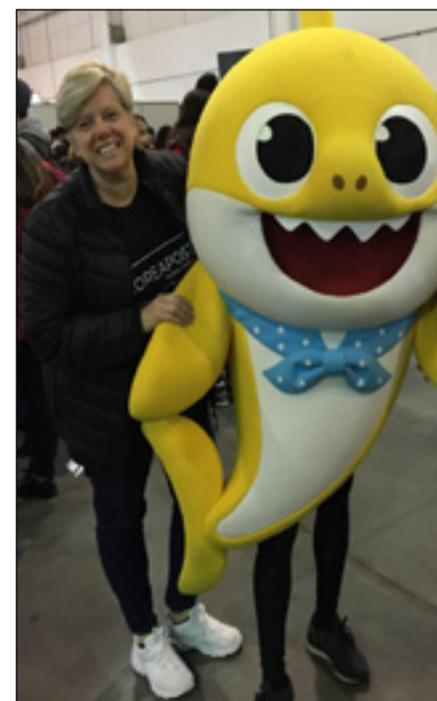
MÃE K-POPER

Buscando sempre ajudar a filha a estar próxima do que ama, Simone Ribas Sparsbrod, de 53 anos, moradora da cidade de Santos, entrou em contato com a Hallyu em 2012 e, desde então, mergulhou de cabeça nesse universo. Ela se formou em Relações Públicas pela UniSantos em 1991 e, atualmente, é secretária bilingue, editora-chefe do site Koreapost e também é estudante de língua coreana por meio do Coreano Online.

Em busca de dar maior suporte para a filha e se inserir cada vez mais nesse universo que ambas partilham juntas, em 2015 Simone começou a fazer parte do Koreapost, mo-

mento em que conheceu a sul coreana e idealizadora do projeto, Carol Lee. Carol ajudou a filha de Simone a se preparar para concorrer a uma bolsa para estudar o idioma na Coreia. Com o suporte de Carol e da mãe, Eduarda foi selecionada, viajando para a Coreia pela primeira vez em 2016, com apenas 17 anos, ficando lá por 5 meses. No mesmo ano, Carol despediu-se do Koreapost para seguir outros planos, passando todos os direitos do site para Simone, que se tornou a editora chefe. Atualmente, o Koreapost conta com mais de 30 voluntários em diferentes áreas.

Depois de aproveitar todas as oportunidades que apareceram em seus caminhos, hoje Eduarda está fazendo faculdade e estagiando na Coreia, deixando a mãe realizada ao contar sobre como se sente ao ver sua filha alcançando seus objetivos. “Eu comecei nesse mundo como uma forma de fazer com que ela conseguisse algo para ir para a Coreia, que era o sonho dela. Hoje é ao contrário, eu faço por agradecimento ao que a Coreia está proporcionando para a minha filha, uma excelente educação e a possibilidade de conseguir uma bolsa para a faculdade”. ♦



SIMONE Ribas, secretária bilingue

Um saque viagem aos anos 90

APESAR DE ter ficado apenas três anos no Guarujá, o time de vôlei BCN/Guarujá marcou o esporte e a vida de torcedores

Marcela A. Morone

Após um ciclo olímpico carregado de lesões, desistências e superações, a seleção feminina de vôlei surpreendeu os céticos e subiu no pódio dos Jogos Olímpicos de Tóquio, voltando para casa com a medalha de prata no peito. Dessas 12 campeãs olímpicas, seis já atuaram ou atuam em um clube que “nasceu” no Guarujá e marcou a história do esporte na cidade: o Osasco, antigo BCN/Guarujá.

Com o objetivo de formar uma equipe feminina de vôlei, o Banco de Crédito Nacional (BCN) firmou um acordo com a Prefeitura de Guarujá e, assim, em 1993, nasceu o BCN/Guarujá, protagonista da época de ouro do vôlei na cidade. Logo de início, no primeiro ano de existência do time, a equipe já contava com nomes como Enio Figueiredo, ex-técnico da seleção brasileira e primeiro técnico do BCN/Guarujá.

Apesar do time configurar o ápice da época de ouro do vôlei guarujaense, o triunfo da cidade no esporte começou um pouco antes. A professora Gilmar Souza veio para o Guarujá aos 17 anos e passou a jogar como levantadora na seleção juvenil do município, que tinha atletas de até 21 anos.

“Disputávamos o campeonato paulista, jogos regionais e abertos. Chegamos a ser campeãs às vezes. Nos anos seguintes, a equipe foi sendo reforçada com outras meninas que vinham de outras cidades,



ARQUIVO PESSOAL

como São Caetano e de grandes clubes de São Paulo. E chegaram meninas que já tinham jogado até na seleção brasileira, como a Filó e a Cora”, lembra Gilmar, que ganhou mais de vinte medalhas entre ouro, prata e bronze, que guarda até hoje.

A comerciante Angelita Munhoz, que começou a jogar vôlei aos 12 anos, atuava ao lado de Gilmar na seleção juvenil guarujaense, na posição de atacante-ponteira. “Tínhamos um time bem competitivo para a época. Jogávamos sempre com torcida, era muito empolgante. A energia em quadra e fora dela era muito boa”, lembra Angelita.

Quando o Ginásio Guaibê, o principal da cidade até hoje, foi inaugurado em julho de 1992, a estreia da quadra foi com a seleção juvenil guarujaense. No mesmo ano, a equipe se classi-

Thelma também é vice-campeã brasileira de Vôlei Master pela Seleção Paulista de Voleibol

ficou para disputar o Campeonato Brasileiro e, então, o BCN chegou no Guarujá, mandou as jogadoras do time da cidade embora e ficou com a vaga no campeonato. Ali seria o início da curta, porém vitoriosa, “estadia” de três anos do BCN no Guarujá.

O BCN viria a se tornar o vice-campeão no Campeonato Paulista e na Liga Nacional de Voleibol, a atual Superliga, cravando seu nome ao lado de gigantes do vôlei daquela época, sendo a casa de jogadoras consagradas como Márcia Fu, Ida e Virna. Em 1994, o BCN/Guarujá levou, além do Campeonato Paulista, a Copa Sul e a Copa Brasil. No ano seguinte, conseguiu 16 vitórias consecutivas no Brasileiro.

A ex-jogadora do BCN/Guarujá, Thelma Lopes, conta que a rivalidade do time guarujaense contra o Leite Moça (posteriormente Leites Nestlé), com sede em Sorocaba, se igualava à rivalidade de Brasil e Cuba nas Olimpíadas. “As duas finais que nós participamos foram justamente contra o Leite Moça. Os ginásios ficavam bem lotados. Era uma rivalidade muito grande”, explica. O BCN/Guarujá tinha ao seu lado um grupo fiel de torcedores, a torcida organizada Piratas do Vôlei,

Em 1996, a direção do BCN mudou a sede do time para Osasco e, em 2003, a marca BCN deixou de existir

que seguia o time por várias cidades durante campeonatos.

Para Thelma, sua experiência no BCN/Guarujá foi muito gratificante. “Foi maravilhoso. Tenho boas memórias desse super-time. Foi uma das melhores experiências que tive na minha vida”, comenta. Hoje, Thelma é orientadora pedagógica na Prefeitura de Guarujá, mas continua ativa no vôlei. Segundo a atleta, não consegue deixar o amor pelo esporte de lado.

A funcionária pública Shirley Costa fazia aulas de vôlei na escolinha do BCN, no Centro Comunitário Márcia Regina, em Vicente de Carvalho. A escolinha não fornecia quadras cobertas, preparador físico e nem academia, mas isso não era problema. “Eram só um monte de meninas querendo aprender vôlei”, relembra.

Juntamente com a escolinha, Shirley foi a alguns jogos do BCN/Guarujá no Ginásio Guaibê. “A gente sempre sonhava em estar lá na quadra, em um dia representar o time, estar numa equipe profissional e poder representar a seleção brasileira. A gente vibrava, ficava com brilho nos olhos”, conta. Shirley acabou não seguindo o caminho do vôlei e agora vive o sonho por meio de seu filho, Nycollas, que atualmente joga pelo São Bernardo.

O torcedor Roni Santos conheceu o vôlei por meio do BCN/Guarujá e começou a acompanhar o time após a conquista do título paulista, em 1994, em cima do Leite Moça. “Eles eram a pedra no nosso sapato. Eu lembro dos jogos, dos clássicos. Eu não cheguei a ir pessoalmente, mas eu acompanhava pela televisão. Na época, o time do Guarujá era muito comentado”, relembra.

A torcedora Lucimary Jardim foi a jogos em Ribeirão Preto, Sertãozinho e Rio de Janeiro. Em duas ocasiões, o ônibus da torcida voltou para o Guarujá escoltado pela Polícia Militar, devido a brigas por causa da rivalidade entre times.

Lucimary, que tinha 22 anos na época, resolveu fazer o curso de magistério e suas duas faculdades só depois que o BCN/Guarujá foi embora da cidade. “Não trocava o BCN por nada”, explica.

Em 1996, a direção do BCN mudou a sede do time para Osasco e, em 2003, a marca BCN deixou de existir. O time teve vários nomes ao longo dos anos devido aos diferentes patrocinadores, como Finasa, Sollys Nestlé e Audax. Na temporada de 2012/2013, a equipe, sob o nome Sollys Nestlé/Osasco, se tornou o terceiro time brasileiro a conseguir um título mundial e o primeiro após a reformulação do campeonato em 2010.

Hoje, o time atua sob o nome São Cristóvão Saúde/Osasco e é a casa das campeãs olímpicas Camila Brait, Tandra Caixeta e Fabiana Claudino. Outras atletas olímpicas como Sheilla Castro, Carol Gattaz, Fernanda Garay, Bia e Natália também já vestiram a camisa do time. ♦

ARQUIVO PESSOAL



SHIRLEY e seu filho, Nycollas, assistindo à final do Campeonato Paulista de Vôlei em 2019

REPRODUÇÃO/GUGA VÔLEI/YOUTUBE



IDA na final da Superliga 1995/1996 contra o Leite Moça”

70 ANOS UNIVERSIDADE
**CATÓLICA
DE SANTOS**

70 ANOS DE MUITA HISTÓRIA E COMPROMISSO COM A EDUCAÇÃO

São 70 anos de muita história desde a fundação, em 28 de agosto de 1951, da Sociedade Visconde de São Leopoldo, mantenedora da Universidade Católica de Santos. Das primeiras turmas da Faculdade de Direito, instalada na famosa Casa Amarela, até os dias de hoje, permanece o compromisso com a formação de cidadãos com base em princípios éticos e solidários.

A atuação como Instituição Comunitária de Educação Superior leva a UNISANTOS para dentro da comunidade, com a prestação de diversos serviços em áreas como saúde, assistência jurídica, negócios, exatas e educação, por meio de inúmeros projetos sociais e atendimento à população. A busca pela inovação e o constante investimento em pesquisa confirmam, desde o início, a solidez e a certeza de uma educação superior de qualidade comprovada e sempre em evolução.

É motivo de muito orgulho chegar aos 70 anos oferecendo mais de 50 cursos de graduação presenciais e a distância; programas de mestrado, doutorado e pós-doutorado; dezenas de cursos de especialização e qualificação; mais de 50 grupos de pesquisa certificados nacionalmente pelo CNPq; convênios com instituições no mundo todo; programas de educação científica voltados aos estudantes desde o ensino médio; e a melhor estrutura de laboratórios e bibliotecas da região.

Tudo isso é, também, resultado da dedicação e seriedade que somente quem tem tanta experiência e tradição pode oferecer. E de quem ainda tem muita história para contar.

CONHEÇA MAIS SOBRE A NOSSA HISTÓRIA
VISITE UNISANTOS.BR



MIRIAM JESKE/DIVULGAÇÃO/COB



WANDER ROBERTO/DIVULGAÇÃO/COB



Ouro no boxe, Hebert Conceição foi descoberto por meio da academia Champion, em Salvador (BA)

Ouro na canoagem, Isaquias Queiroz passou por um projeto social em São Vicente

GASPAR NÓBREGA/DIVULGAÇÃO/COB



Bronze nos 400m com barreira, Alison dos Santos foi descoberto em um projeto social de São Joaquim da Barra (SP)

Recorde de medalhas reflete importância da

INCLUSÃO no esporte

Daniel Gois, Gabriel Bruno e Lilian Rabelo

O Brasil encerrou as Olimpíadas de Tóquio com o melhor desempenho em uma edição dos jogos. Ocupando o 12º lugar no quadro geral, o país conquistou 21 medalhas, e em comum os atletas têm o pódio e a origem nos projetos sociais, associações comunitárias, ONGs e coletivos que contribuem para a formação destes atletas.

Na região, nomes como o de Isaquias Queiroz, medalhista de ouro na canoagem, que treinou parte da carreira em um projeto social de São Vicente, revelam o diferencial no desenvolvimento do atleta quando o investimento esportivo permite que suas habilidades sejam trabalhadas, alcançando o alto rendimento para brigar por medalhas de todas as cores.

Para isso, o professor Eduardo Moterani, técnico de basquete no Clube Internacional de Regatas, responsável pelas categorias de 12 a 17 anos, ressalta que além de voltar os olhos para aqueles que já possuem um futuro promissor, é necessário conceder suporte para a base, começando nas escolas.

“Eu moro em Vicente de Carvalho, trabalho na prefeitura e também na



Luiz Maria destaca centros comunitários de Guarujá

ARQUIVO PESSOAL



Eduardo Moterani enfatiza importância de formar novos atletas na escola

escola Lucia Flora, e eu sou uma das pessoas que adora esses centros comunitários que tem por todo o Guarujá. Acho muito importante a questão do Internacional. A gente sempre tem um trabalho de longo alcance lá, desde as categorias de base que é a Escolinha, depois investir no projeto que o clube via nas escolas para trazer os alunos para cá.”

INVESTIMENTOS

Luiz Maria, diretor na Secretaria de Esportes de Guarujá destaca os investimentos feitos na Cidade. Segundo ele, há algum tempo o município conta com um programa de incentivo aos atletas, repassando a verba para projetos de diversos segmentos esportivos. “Através desse Bolsa Atleta, que definitivamente é um incentivo para aqueles atletas que estão começando na base. A gente sabe de muitas comunidades que precisam de oportunidades para esses jovens que estão iniciando no esporte”, pontua.

Desde 2013 o programa Bolsa Atleta, do Governo Federal, beneficia atletas de alto rendimento em competições nacionais e internacionais. Em 2021, o auxílio contemplou 242 dos 302 atletas brasileiros que competiram nas Olimpíadas.



A reportagem foi produzida a partir do programa radiofônico Mesa Redonda, da Universidade Católica de Santos, gravado pela Equipe 2, com Eduardo Moterani e Luiz Maria, no dia 24 de agosto de 2021, e transmitido pela Rádio Boa Nova FM (96,3Mhz), de Praia Grande



BRASIL NAS OLIMPÍADAS

21 MEDALHAS

7 OUROS

6 PRATAS

8 BRONZES

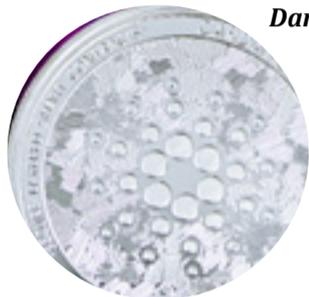


FOTOS: ARQUIVOPESSOAL

Grana VIRTUAL é o futuro



Daniel Gois, Gabriel Bruno e Lílian Rabelo



O mercado de criptoativos está acompanhado a modernização global. Com o mundo cada vez mais tecnológico, as moedas digitais ganham força entre os investidores. Segundo especialistas, a tendência é que no futuro o dinheiro convencional seja substituído pelo criptografado.

A adoção das moedas digitais segue em alta desde 2020. Atualmente, o Bitcoin (BTC) é a criptomoeda mais famosa do mundo. Entretanto, outras apresentam crescimento promissor: Litecoin (LTC), Tezos (XTZ) e Ripple (XRP), Cardano (ADA), Monero (XRM) são algumas que rendem bons retornos para os investidores.

A moeda utiliza a tecnologia blockchain, que valida as transações através de uma imensa rede descentralizada de computadores. De acordo com Cláudio Santana, analista de mercado das criptomoedas, "o mercado de criptoativos veio justamente para solucionar. Onde o mundo quer chegar, ele vai de encontro com isso. Quem não conseguir enxergar isso vai ficar para trás", explica.

DIGITAL X FÍSICO

A desvalorização das moedas fiduciárias, ou seja, emitidas pelo banco e atribuídas valor perante a sociedade, como dólar, euro e real,



CLÁUDIO tem 50% do patrimônio em criptomoedas

GUSTAVO fala em tendência de crescimento

é o principal motivo para o impulsionamento de pessoas e empresas comprarem criptomoedas.

Segundo o economista Gustavo Ferreira, para protegerem seus recursos da inflação, as pessoas estão optando pela moeda digital. "As criptomoedas tendem a se valorizar por causa de que elas são, a maioria, inflacionárias. Elas têm um limite de emissão e, a partir desse limite, não tem mais como emitir. Quer dizer que aquele valor vai se manter ao longo do tempo", finaliza.

EL SALVADOR

O governo de El Salvador, país localizado na América Central, adotou, no início de setembro, o bitcoin como moeda oficial, se tornando o primeiro país do mundo a tomar tal decisão. Desde 2001, a nação tinha o dólar americano como principal moeda.

Ainda que inovadora, a medida trouxe apreensão para a população local e para o Fundo Monetário Internacional (FMI).

Ferreira acredita que a medida pode se tornar uma tendência em outros países, em especial os que passam por crises financeiras.

"Quanto mais problemática for a economia de um país, mais fácil é a adoção do Bitcoin. Em um país que está piorando a economia ao longo do tempo, a taxa de adoção de Bitcoin é crescente nesse país. É uma alternativa, seja no sistema bancário ou no sistema político", explica.



RISCO E CONFIANÇA

Por ser um mercado volátil, Cláudio Santana destaca a importância de as pessoas não converterem todo o patrimônio de uma vez em criptomoedas. O analista de mercado, que possui metade do patrimônio pessoal convertido em moedas virtuais, alerta para os cuidados que novos investidores precisam ter.

"Você não pode entrar de cabeça 100% com seu patrimônio. Você tem que ter uma certa exposição, de 5% a 50% de seu patrimônio em criptoativos. Você vai nivelar o risco de acordo com a própria exposição. Ele pode dar muito certo, como também pode dar errado", finaliza.



A reportagem foi produzida a partir do programa radiofônico Mesa Redonda, da Universidade Católica de Santos, gravado pela Equipe 2, com Gustavo Ferreira e Cláudio Santana, no dia 21 de setembro de 2021, e transmitido pela Rádio Boa Nova FM (96,3MHz), de Praia Grande



ECOFEMINISMO E CONEXÕES

As mulheres são as mais afetadas pelas mudanças climáticas e, também, são as que mais as enfrentam com protagonismo. Isto é destrinchado em um conjunto de práticas e teóricas interconectadas que formam o Ecofeminismo, uma vertente do movimento feminista que surgiu na década de 70 e que segue expandindo de forma latente.

De acordo com a jornalista e mestrandia em Ciências Sociais Marina Colerato, idealizadora do Modifica e uma das referências nacionais na discussão ecofeminista, há motivos principais do porquê as mulheres são mais vulneráveis às alterações ambientais: a maior parte da população feminina no mundo é pobre, a concentração de território e renda nas mãos de mulheres é mínima e são elas que fazem a intermediação entre a natureza e o trabalho.

Com relação à parte política em si, a falta de representatividade de mulheres em cargos governamentais também impacta a situação.

"As mulheres são esses corpos que fazem o trabalho de reprodução social. Elas que precisam ir atrás de comida e água, são elas que cuidam das demandas da família e que, por meio dessa intermediação, lidam com ambientes poluídos, o aumento do nível do mar e com a escassez de recursos, por exemplo", diz Marina, analisando ser uma sobreposição de fatores.

Um exemplo de Mariana é com relação ao aumento do preço do gás de cozinha, que tem feito com que as mulheres voltassem a utilizar fogões a lenha. "Isso mostra que as mulheres são as primeiras a ficarem mais expostas às toxinas". Por conta deste "sentir na pele", as mulheres também se destacam enquanto protagonistas na pauta ambiental, lidando com problemas, desenvolvendo políticas de mitigação e atuando na construção de sociedades resilientes.

A partir disso, a pesquisadora ressalta que para compreender o ecofeminismo é preciso entender os "ismos de dominação", e reconhecer a influência dos sistemas de poder na sociedade. Em meio à "ismos" como machismo, racismo, sexismo e etnocentrismo, e "categorias" como raça, gênero e etnia, o ecofeminismo é pioneiro em incluir a natureza e os animais não humanos nesse contexto. "Não tem como pensar em destonar hierarquias de poder pensando em uma só. Não tem como acabar com o machismo sem acabar com o especismo".

A partir disso, dentro do ecofeminismo há uma série de "feminismos". Uma delas é o ecofeminismo animalista que levanta as bandeiras do vegetarianismo e do veganismo. Reconhecendo os animais como seres explorados e dominados como as mulheres, na conjuntura hierárquica e patriarcal, se começa a traçar paralelos nesta relação de dominação. "Historicamente falando, a dominação

das mulheres é a base modelo pra todas as outras dominações", complementa Mariana.

Para a jornalista Jhébica Paixão, que é idealizadora do coletivo ecofeminista Serena e integrante do Latinas For Climate, uma rede de jovens ativistas latinoamericanas, todos são afetados pelo mesmo sistema opressor. e quando se passa a enxergar um animal não humano como indivíduo é possível estabelecer esta relação.

Além disso, do ponto de vista ambiental, "a reprodução industrial de proteínas animais significa caos e destruição ambiental", ressalta Marina.

Rede

Apesar de ser um movimento global, redes ecofeministas de discussão e apoio no âmbito regional são de fundamental importância para Jhébica, que inclusive é moradora de Guarujá, na Baixada Santista.

"As experiências com relação às questões climáticas são muito diferentes de lugar para lugar. Por isso é fundamental que haja troca no regional", acredita.

Com relação à Baixada Santista, Jhébica analisa que falta união dentre redes que atuam em prol do meio ambiente, se preocupando com os impactos das mudanças climáticas. "Ainda são muitas bolhas. Precisamos caminhar bastante para mudar isso. Por morarmos no litoral todos deveriam ser muito mais ativos".

Beatriz Araujo e Isabela Weiss



"Enquanto as mulheres são as mais impactadas (pelas mudanças climáticas), elas também são as mais orientadas para construir políticas públicas, coletivos e movimentos que aumentem a resiliência de suas comunidades. Porque são elas que estão ali, no cotidiano, já tentando sobreviver às alterações ambientais que afetam suas vidas"

- Marina Colerato

FOTOS: ARQUIVO PESSOAL



Jhébica Paixão (à esquerda) e Marina Colerato (à direita)

Mesa Redonda - edição Foca Que Muda

Os textos do PDF Páginas Abertas, vinculados ao Jornal Entrevista, utilizam como base as edições do programa de radiojornalismo experimental Mesa Redonda, transmitido pela emissora de rádio Boa Nova FM, de Praia Grande/ SP em parceria com a instituição Universidade Católica de Santos (UniSantos). Em meio à programação do Mesa Redonda há o Foca Que Muda, programa desenvolvido pelas alunas de Jornalismo Beatriz Araujo e Isabela Weiss que aborda assuntos relacionados ao meio ambiente.



Acompanhe mais sobre o **Foca Que Muda**, no Instagram [@_focaquemuda](https://www.instagram.com/_focaquemuda).

REFLEXO HUMANO NA VIDA MARINHA

A saúde marinha, que já carecia de atenção especial por parte da sociedade e dos governantes, está sendo ainda mais impactada por conta da pandemia. Os oceanos e os seres que nele habitam estão lidando com uma nova onda de poluição e especialistas levantam questionamentos sobre as proporções desses eventos e a importância da preservação dos mares sob múltiplas perspectivas.

Mas este é apenas um exemplo de tranquilidade dentro o amplo cenário de danos que afeta negativamente os mares e oceanos. Para enfrentar a situação, que urge, Adriana ressalta a importância da participação política e de medidas governamentais que reconheçam a saúde marinha como prioridade.

Dentre as restrições da pandemia e medidas de segurança, a política ambiental foi afetada diretamente também com o adiamento de reuniões de políticas públicas

Instituto de Biociências do Câmpus do Litoral Paulista (CLP) da Unesp, em São Vicente, Letícia Forato, que trabalha com áreas de ecologia, conservação de animais marinhos e educação ambiental. Ela destaca a "gestão precária de resíduos sólidos" da região e complementa que isso faz com que os resíduos cheguem aos manguezais e ao mar.

As máscaras de rosto, cirúrgicas ou de tecido, descartadas irregularmente se tornaram um foco de problema para oceanos em meio à pandemia. Apesar de

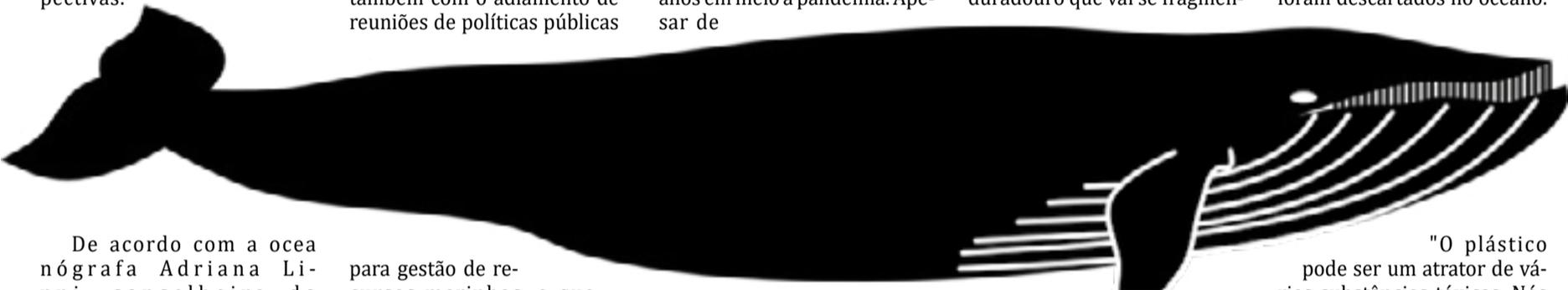
utensílios feitos de plástico em precaução contra o coronavírus. "Todo esse material indo para os oceanos pode causar sérios impactos".

A já conhecida cultura da descartabilidade, agora também movida pelo medo, intensifica a presença de microplásticos "que são um dos fatores prejudiciais não apenas à saúde dos animais marinhos, mas também diretamente na dos seres humanos", explica Adriana.

O plástico é um material duradouro que vai se fragmen-

plásticos já podem estar presentes na água das torneiras residenciais e no ar, além de também já terem sido encontrados na placenta de mulheres grávidas, por exemplo.

Isso é perigoso pois, considerando que o plástico funciona como uma esponja, em que na superfície das partículas ficam contidos poluentes orgânicos persistentes - materiais que podem ser provenientes de agrotóxicos, da indústria química, e que foram descartados no oceano.



De acordo com a oceanógrafa Adriana Lippi, conselheira do Liga das Mulheres pelo Oceano e autora do blog Espirada, existem tendências a serem destacadas em meio a este período pandêmico - tanto positivamente quanto negativamente. Algo que deu um "suspiro" à vida marinha, por exemplo, foi a diminuição do tráfego de embarcações, de modo geral. Segundo a especialista, isso tem permitido que espécies como os cetáceos - baleias, botos e golfinhos, por exemplo, que são mamíferos aquáticos - voltassem a ocupar o ambiente. Eles são muito sensíveis ao barulho das embarcações, por isso dispersam quando há alto fluxo das mesmas.

para gestão de recursos marinhos, o que preocupa especialistas.

Um dos exemplos da oceanógrafa é o da Comissão Interamericana do Atum Tropical, que é responsável pela conservação e gestão do atum e outros recursos marinhos no Oceano Pacífico oriental, que em meio à pandemia não conseguiu definir as cotas de captura da espécie por recursos pesqueiros. "Se estes limites não forem estabelecidos, a indústria pode pescar praticamente o quanto quiser do estoque", afirma.

Com relação à Baixada Santista, estudiosos da área sentem falta de políticas públicas efetivas. Isso é o que enfatiza a bióloga marinha formada pelo

auxiliarem no combate à covid-19, quando essas máscaras se encontram com animais nos mares passam a ser verdadeiras vilãs. Além da poluição marinha, de maneira geral, elas podem ser ingeridas por animais ao serem confundidas com alimento e também são perigosas por se enroscarem nos animais. "Isso também pode fazer com que eles fiquem impossibilitados de comer outros alimentos, sendo levados à morte", complementa Adriana.

Mas o problema não é apenas a máscara, a preocupação com a questão sanitária em torno da covid-19 impulsiona ainda mais a utilização de

tando em pedaços cada vez menores, mas que continuam sendo plástico, não podendo ser digerido pelos animais. Mesmo que invisível à olho nu, a reação afeta em cadeia. As pesquisadoras contam que a presença de microplástico já pode ser identificada em zooplânctons, que são ingeridos pelos peixes e se acomodam em seus organismos.

"Normalmente nós não comemos o estômago dos peixes, então não gera tanto problema diretamente. Porém também sabemos que esse microplástico pode soltar substâncias químicas", conta Adriana. Ela também afirma que os micro-

"O plástico pode ser um atrator de várias substâncias tóxicas. Nós ainda tentamos entender o quanto de material tóxico que sai dele e é transferido para o organismo onde ele está".

Com o Porto de Santos, o maior da América Latina, o microplásticos podem aparecer na região de forma "crua", contaminando a população de diversas maneiras, como explica Letícia. "O processo de biomagnificação, que é quando o animal consome algum composto pesado como, por exemplo, o mercúrio, acaba se estendendo ao longo da cadeia alimentar".

Beatriz Araujo e Isabela Weiss

Consumindo consciente

No que diz respeito às ações individuais, o consumo consciente vem como uma alternativa para minimizar os impactos humanos na saúde marinha. Para a bióloga marinha Letícia Forato, é necessário ter consciência de atos simples - como fazer uso de utensílios reutilizáveis, separar os resíduos orgânicos dos recicláveis e, principalmente, cobrar das autoridades governamentais a fiscalização e melhoria da gestão de resíduos.

"Muita gente ainda não tem essa noção de que o

simples fato de ficar usando descartáveis afeta nossa vida e também a vida das nossas futuras gerações".

A oceanógrafa Adriana Lippi ressalta a importância da participação política de forma coletiva, como "entrar em algum coletivo, participar das comissões de Meio Ambiente do seu bairro e pensar muito bem na hora de votar". Para ela essas são ações que partem da iniciativa pessoal com potencial de fazer com que a sociedade compreenda melhor a problemática ambiental.



Fotos: Arquivo Pessoal

Letícia Forato (à esquerda) e Adriana Lippi (à direita)





Empreendedorismo NO MERCADO DIGITAL



**Beatriz Ornelas, Marcella Passaes e
Victória Brugger**



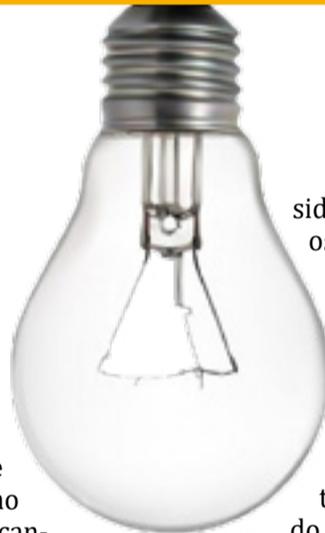
A evolução da tecnologia e estratégias na internet fizeram com que empreendedores migrassem para o mercado digital em busca de fortalecer o seu negócio. Por conta da pandemia, esse processo foi acelerado na quarentena e as pessoas se adaptaram facilmente ao meio de consumo que, além de rápido, traz praticidade e alcança um público além das limitações geográficas.

O comércio virtual, também conhecido como e-commerce, passou a fazer parte da rotina dos consumidores. Segundo um relatório publicado pela Mastercard SpendingPulse, indicador de vendas no varejo em todos os tipos de pagamento em certos mercados globais, em comparação com 2019, o comércio eletrônico cresceu 75%.

O publicitário Eduardo Campos explica que essa transição já ia acontecer. Porém, a pandemia foi um fator externo que acelerou esse processo. “O ser humano sempre foi suscetível a perceber mudanças quando elas estão acontecendo. Antes as pessoas faziam transições em dinheiro, depois foi para o cheque, cartão e agora é o PIX”.

Ele ressalta que a necessidade não aumentou, sempre existiu. “Essas mudanças acontecem o tempo todo, principalmente porque as pessoas estão sempre conectas. Como nós estamos acompanhando um processo muito acelerado em tempo real, as pessoas se chocam um pouco com a velocidade”, diz.

Grandes empresas como Amazon, Magazine Luiza e Americanas disponibilizam o produto em casa apenas algumas horas após a compra pelo site, por exemplo. Con-



siderando essas constantes transformações, os empreendedores

precisaram driblar e se adaptar rapidamente a forma de consumo, como a criação de sites.

Uma pesquisa realizada pelo Resultados Digitais, Mundo do Marketing, Rock Content e Vendas B2B, mostra que 94% das empresas escolheram o Marketing Digital como estratégia de crescimento do negócio. Com isso, criar uma conexão real entre o consumidor e a empresa para alavancar as vendas.

A empreendedora Beatriz Esmanhoto afirma que começou a produzir conteúdo para as redes sociais no começo da pandemia e viu a demanda crescer. “A principal motivação para a criação do site foi a comodidade de chegar em muitos lugares e manter a liberdade do cliente. Uma loja física não chega em outros estados, por exemplo”, diz.

Ela explica que é complicado se destacar e conseguir prender a atenção das pessoas, principalmente com tantas pessoas querendo o seu espaço no digital. “O mais importante é ter um posicionamento forte, fazer com que elas tenham uma conexão com a marca. O meu produto tem em qualquer lugar, o que vai fazer o cliente comprar comigo é fazer a pessoa se sentir parte do meu trabalho”.

Ela destaca que os principais pontos para se destacar no mercado digital é seguir as novas tendências, acompanhar o mercado, se manter fazendo o que o público quer ver e se sentir mais parte daquilo. “Quando uma pessoa vê os bastidores, te vê embalando um pedido com carinho e enviando para alguém, acaba criando esse laço de confiança”, explica.



EXPEDIENTE

PDF PÁGINAS ABERTAS é o projeto de Interdisciplinaridade desenvolvido nas disciplinas Projeto de Jornalismo Impresso e Projeto de Radiojornalismo, ambas no 8º semestre do curso de Jornalismo do Centro de Ciências da Educação e Comunicação da Universidade Católica de Santos - UniSantos

Encarte especial do Jornal Entrevista, edição junho 2021

AS ENTREVISTAS E REPORTAGENS ORIGINAIS FORAM PRODUZIDAS PARA OS RADIOJORNALS

Litoral News (Fabrizio Neitzke, Laila Oliveira e Thauana Marcolino);
Ponte Esportiva (Daniel Gois, Gabriel Bruno, Lilian Rabelo);
Entrecultura (Matheus Ojea, Marcela Alonso, João Lucas Santos);
Foca que Muda (Beatriz Araújo, Isabela Weiss);
Mavibe (Victória Brugger, Marcella Passaes, Beatriz Ornelas).

COORDENAÇÃO:

José Reis (MTB 12.357); Marcelo Di Renzo (MTB 11.008);
Paulo Bornsen (MTB 22.201); Teresa Cristina Tesser (MTB 15.379).

Endereço: Redação: Avenida Conselheiro Nébias, 300 - Vila Mathias, Santos - SP - CEP: 11015-002.

E-mail: entrevista@unisantos.br As opiniões aqui emitidas são de responsabilidade de seus autores.